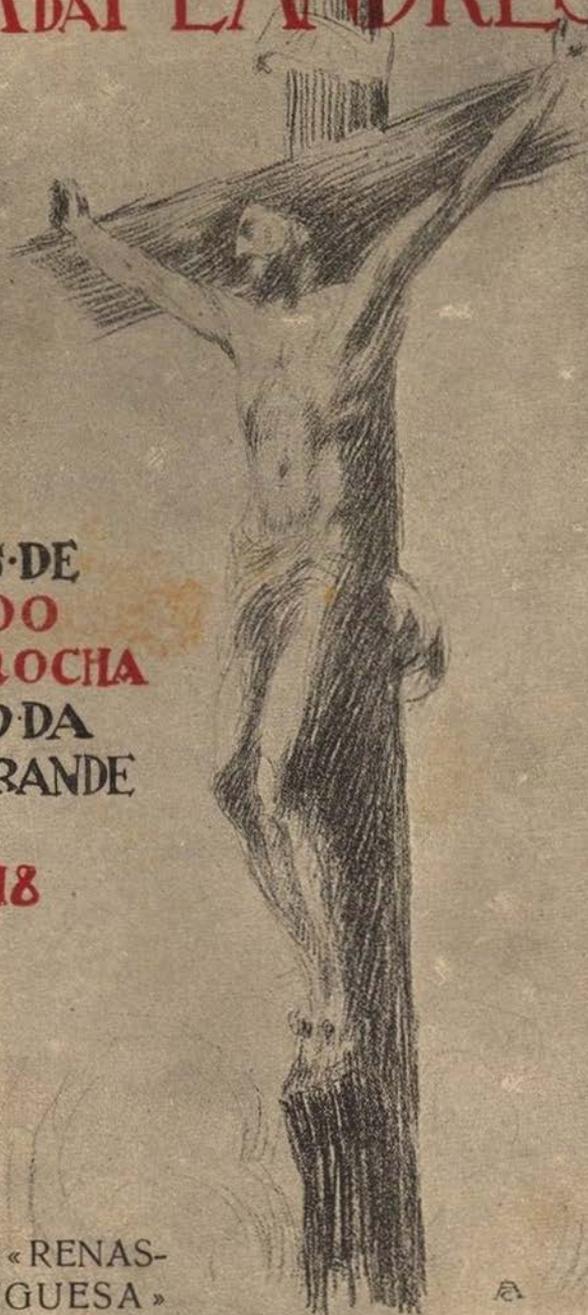


# NÉVOA DA FLANDRES

VERSOS DE  
**ALFREDO  
BARATA DA ROCHA**  
SOLDADO DA  
GUERRA GRANDE

**1917 • 1918**

EDIÇÃO DE A «RENAS-  
CENÇA PORTUGUESA»





Reservados todos os direitos de reprodução nos  
países que aderiram à Convenção de Berne;  
Portugal: Decreto de 18 de Março de 1911;  
Brasil: Lei n.º 2577 de 17 de Janeiro de 1912.

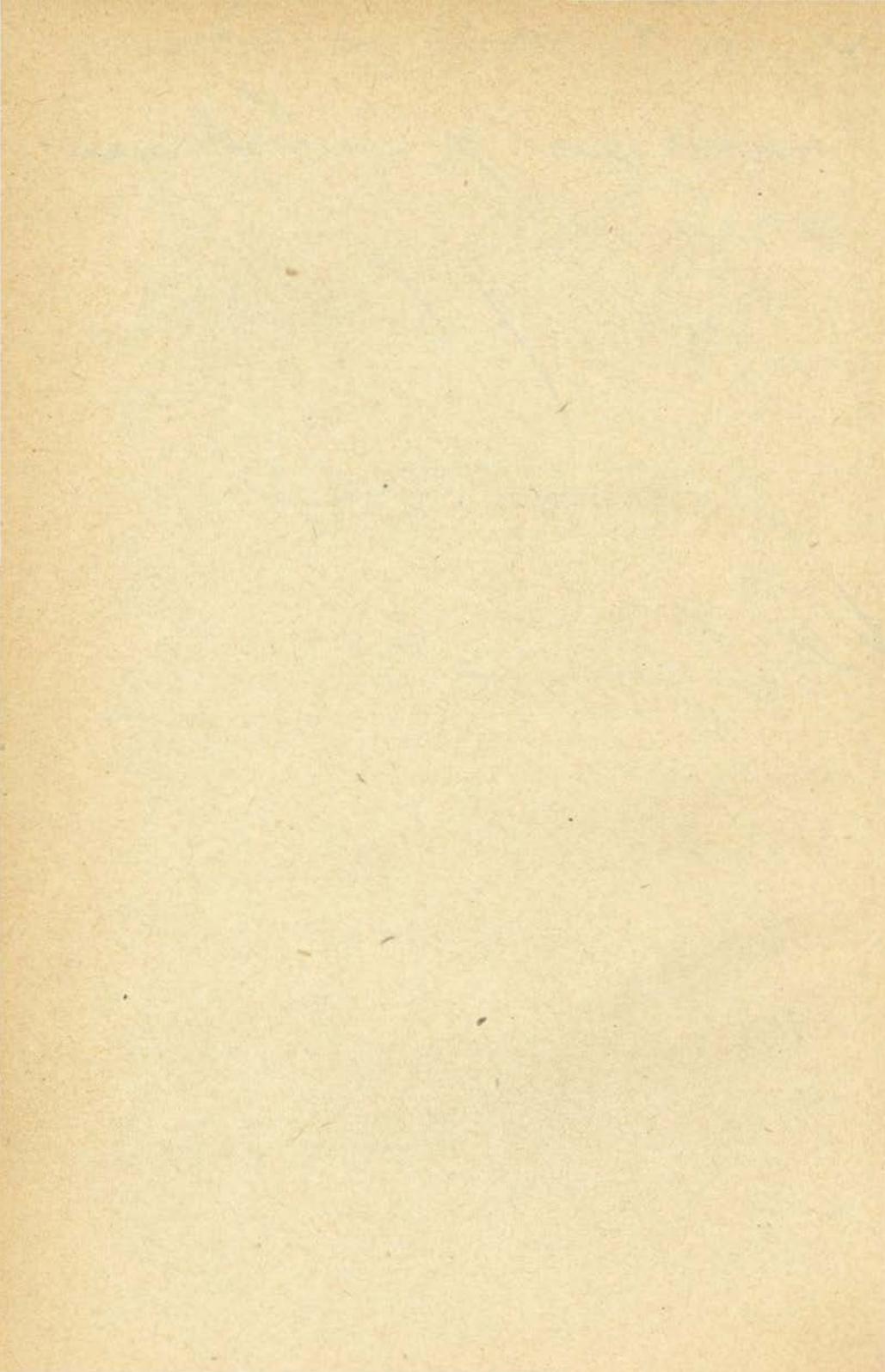
Emp. Ind. Gráf. do Pôrto, L.da  
Rua Mártires da Liberdade, 178

Lo Rue de (roule) la (arbo),  
bourgeois de (unite) (casi-  
sement de

Exemplar de la (unite)

Exemplar N.° 17

Paris, avril de 1929



NÉVOA DA FLANDRES



01  
BIBLIOTECA / MUSEU  
"REPÚBLICA E RESISTÊNCIA"

ALFREDO BARATA DA ROCHA

# Névoa da Flandres

(VERSOS)



EDIÇÃO DE  
A «RENASCENÇA PORTUGUESA»  
PÔRTO — 1924



## PREFÁCIO

*Espalhados em revistas e em jornais, perdidos quasi, por longo tempo andaram êstes versos.*

*Tardiamente os reûno, eu sei. Avêso, todavia, por feittio próprio, a publicar — só obrigado pela insistência amiga de bons companheiros da guerra anuí a coleccioná-los, para que se não perdessem por completo.*

*Da Flandres ou do mar são todos êles, à excepção dos que não têm data e dos que*

*se refêrem à Mãe Desconhecida do Herói Desconhecido, aparecidos numa «plaquette», em 1921. E se resolvi que esta composição os acompanhasse, foi por entender que ela não prejudicaria a unidade do livro.*

*Compostos à beira de soldados — que foram os melhores, os mais leais companheiros da minha vida, nas horas altas em que sonhávamos um sonho igual; que, ainda hoje, pela suave recordação das admiráveis atitudes do seu carácter, me dão o direito de pensar que a Raça é boa e só de quando em quando os maus a perturbam, na marcha gloriosa do seu destino, pela desoladora afirmação das suas paixões mesquinhas — fiquem êles como a homenagem que presto aos que mereciam mais e a quem guardo na enternecida saudade de todas as horas.*

*Pôr causas que não veem para aqui, o drama da Guerra Grande não foi compreendido, nem sentido, em Portugal; mas, por um principio de justiça que se não pode*

*abandonar — não seja êsse o motivo que leve ao esquecimento dos que, na Flandres ou em África, souberam fazê-la bem... Sirvam os meus pobres versos para lembrá-los uma vez ainda...*

*Na parte que lhes cabe, desenhei os meus rapazinhos em suas atitudes heróicas, em suas atitudes humanas...*

*Que os grandes de Portugal me perdôem, se as palavras não bastaram para traduzir a emoção que êles criaram em mim!*

*Por essas terras da Beira, Trás-os-Montes, Portugal em fora, na névoa cinzenta da agonia da tarde, homens se quedam contemplando a terra que trabalham para que possa abrir em alegria e em pão...*

*Quanta vez ela nem compensa sequer o esforço desenvolvido!... E êles amam-na sempre, contudo! Por ela fôram um dia àlém — para que outros a não rasgassem, a não semeassem, a não possuíssem...*

*A terra é ingrata; tantas vezes má —*

*mas a terra é nossa! Era essa a sua ideia.*

*Quando, no último suspiro da luz morrendo, o sol quebra na montanha, os homens, olhar parado na evocação das tragédias assistidas, das abnegações trocadas, dos sacrifícios sem interêsse pessoal, das horas de verdadeira consciência do valor da vida — sentem o confôrto de a terem vivido, libertos de egoísmos que diminuem, com intensidade...*

*Muitos nem sabem ler... Mas quando alguém lhes repetir as minhas palavras, dirão, contentes: — «Êste livro fala da gente!...»*

*Numa comoção que não oculto, é nas mãos dêsses homens que eu deixo o meu livro...*

B. da R.





Dos meus irmãos de fogo e de agonia  
São êstes versos que arranquei do peito  
E fiz com sangue de alma em cada dia  
Que Os vi cantando, ou vi ao parapeito!

Dos que a angústia apertou numa barragem,  
Agrupados no mesmo pelotão;  
Que nos deram o exemplo da coragem,  
E eu comandei à voz do coração,

São êstes versos que a rezar deponho  
Junto aos que dormem no ingénuo sonho  
De quem se deu — p'ra o mundo não ser mau!

Dos novos Cristos duma Cruz de Guerra!...  
Por Êles, deixo a minha sôbre a terra  
Que cobre os meus irmãos da Cruz de Pau!

## AGUARELA DA PARTIDA

Ao Capitão PINA DE MORAIS

No cais, em frente, um longo brado ecôa:  
—«Filho! meu filho!... que não voltas mais!...»  
É um incêndio a luz sôbre Lisboa.  
E há soluços de dor, protestos, ais!...

Os soldadinhos falam, da coberta:  
Promessas de voltar, consolações...  
E no peito das mães, que a dor aperta,  
Palpitam mais depressa os corações!

A dor uniu-os; fez-se um só, agora.  
Todas as mães soluçam por igual...  
À despedida, por nós todos chora  
O coração das mães de Portugal!...

O barco desce lento pelo rio,  
A prôa à barra, em direcção ao mar.  
Fica, a bombordo, a Tôrre do Bugio.  
As gaiivotas—são lenços a acenar...

A bordo, Tejo, 1917.

## PORTUGAL AO LONGE

Ao Capitão VIRGÍLIO VARE-  
LA DE SENA MAGALHÃES

Terrinha de Portugal,  
Onde os meus olhos abriram!  
Ficaram baços, os pobres,  
Quando, em tristeza, partiram!

Ó terra da minha terra,  
De heróis, poetas, de santos!  
Não há na roda do mundo  
Outra mais cheia de encantos!

Caminhos velhos de aldeia,  
Onde ensaiei os meus passos,  
E as próprias vides estendem  
Para nós os seus abraços;

Ermidas brancas da serra,  
Todas cheínhas de graça,  
E que dão pureza à gente  
Quando a gente por lá passa;

Sinos chamando à igreja  
As alminhas do Senhor;  
S. João das orvalhadas;  
Arrufos do meu amor;

Rios correndo p'ra o mar;  
Cristas agrestes dos montes,  
Onde eu subia contente,  
Para olhar os horizontes;

Manhãs em ondas de luz;  
Poentes de sol em brasa;  
Ninhos velhos de andorinhas,  
No beiral da minha casa;

Regatos que são os filhos  
Dos montes, das serranias,  
E, quais meninos travessos,  
Andam sempre em correrias;

Vales cerrados, escuros,  
Viúvos da luz do sol,  
Onde o próprio vento cala,  
Para ouvir o rouxinol;

Fontes de água rumorosa,  
Descendo pelas quebradas;  
Furtadelas de olhos negros;  
Abraços de namoradas;

Feiras batidas de sol;  
Doce murmúrio do rio;  
O fogo a arder na lareira;  
Cantigas ao desafio,

Onde o povo é mais poeta  
Do que eu sou capaz de ser;  
Triste adeus da terra ao sol  
Na agonia de morrer;

Tardes de agosto bem quentes,  
Quando, em profunda alegria,  
Passavam moças cantando,  
Direitas à romaria;

Estradas cheias de pó;  
Violas, gritos, descantes:  
— Ai! Que saudades eu levo!  
— Como vós ficais distantes!

Tudo o que é da minha terra,  
Onde o coração deixei,  
Quero guardar em meus olhos!  
Quem sabe se voltarei?!...

Na névoa que abraça a costa,  
Meu olhar distingue ainda  
Retalhos da minha terra,  
Dentre todas, a mais linda!

Âncora acima, singramos,  
Com precaução, pelo mar.  
Lágrimas tombam, discretas,  
Uma a uma, de vagar!

Nos olhos dos outros leio  
Uma pena igual à minha.  
— Ó terra das nossas mães,  
Tu és a nossa Avòzinha!

Voltarei?— Não voltarei?  
Alma, sossega, não chores!  
Teu sacrifício há de ser  
Fonte de dias melhores

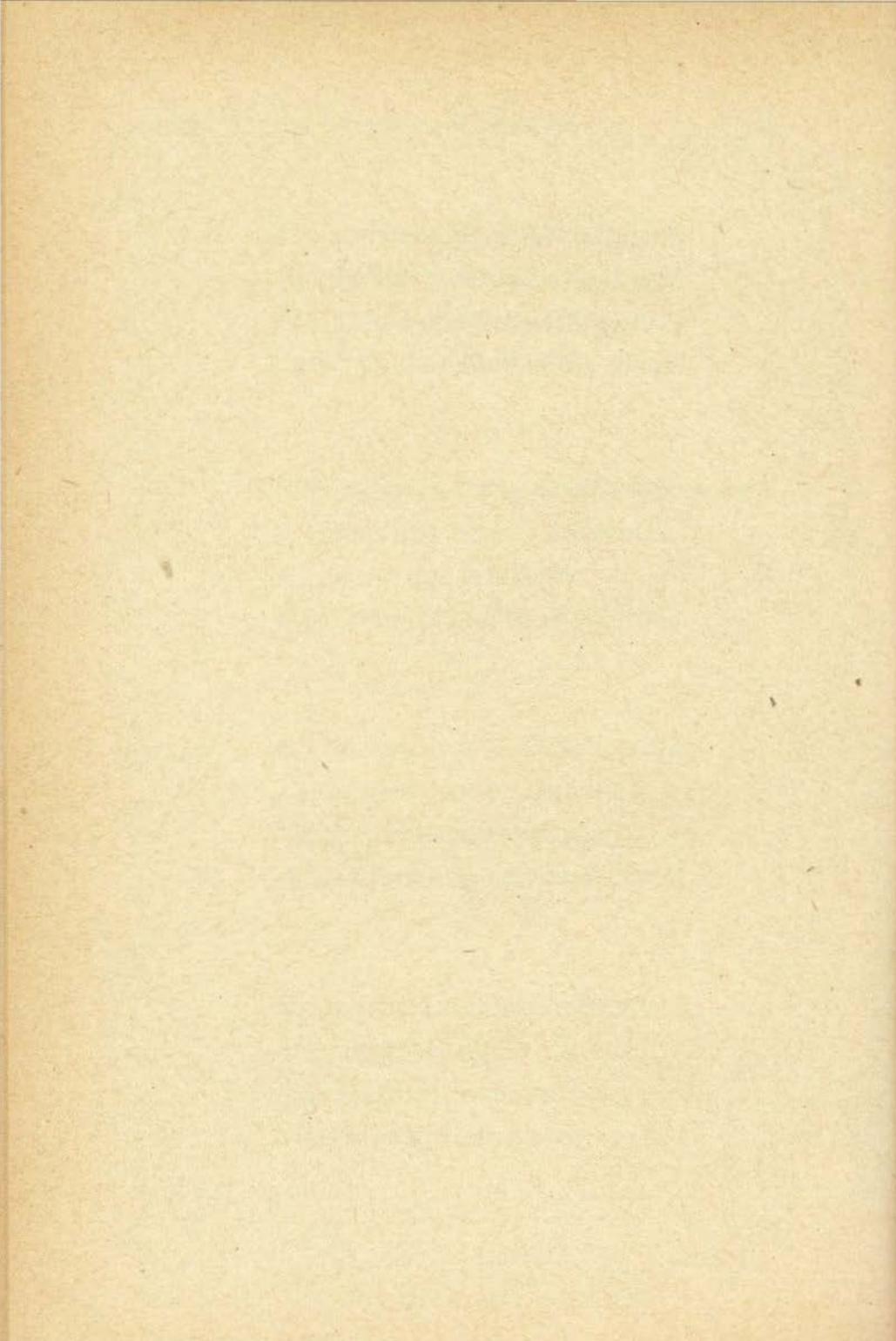
Para a nossa terra, — aquela  
A quem nos damos contentes,  
A provar que ainda somos,  
Dos Maiores, os descendentes!

Sinto orgulho! — Toda a pena  
De morrer vai-se; deixei-a!  
Vem a coragem subindo  
Ao meu peito, em maré cheia!

E enquanto o barco navega  
Por sôbre as águas do mar,  
Meus lábios, enternecidos,  
Dizem adeus, a cantar:

Portugal, terra pequena!  
Mas não há outra melhor!  
Portugal, terra pequena!  
Faz-te a distância maior!

A bordo, Costa de Portugal, 1917.



## MAR ALTO

Ao Tenente

FERNANDO WILTON PEREIRA

O sol tombou... O mar é mais escuro...  
Amontoam-se as nuvens pelo ar...  
Olho o navio; e, num silêncio duro,  
Vejo os homens de bordo vigiar...

Trágica marcha a nossa, perscrutando  
O mar, com um cuidado que arripia...  
Ingenuamente, os homens vão sonhando.  
A noite é densa—e vem tão longe o dia...

Apuro o ouvido:— Ouço cantar o vento  
Uma triste canção, como um lamento  
Que a anunciar viesse o vendaval. . .

Com violência, fere a água, a proa. . .  
E, na saudade atroz que me magoa,  
Rezo, digo baixinho:— Portugal! . . .

A bordo, 1917.

## MÊS DE NOSSA SENHORA

Ao Alferes-Capelão

P.<sup>o</sup> JACINTO DE ALMEIDA MOTA

«Neste lindo mês de Nossa Senhora...»

(Da carta de uma madrinha de guerra).

A Natureza abriu-se num sorriso.  
Coram as flôr's; destaca mais a hera.  
Parece agora a terra um paraíso:  
Nossa Senhora trouxe a primavera...

Chilreiam outra vez as andorinhas.  
Quando o calor morrer, hão de emigrar.  
A elas se assemelham as dor's minhas  
Que, se deixam meu peito, é p'ra voltar...

P'ra conseguir adormecer o sol,  
Oculto na deveza, um rouxinol  
Ergue um canto suave de elegia. . .

Ouve-se, ao longe, o ralho das granadas...  
Cortam o ar três notas magoadas:  
— São os sinos rezando a Avé-Maria. . .

1917.

## ENTRE SOLDADOS

Ao Capitão JOSÉ ANTÓNIO  
TEIXEIRA SAAVEDRA

Ouço-os cantar uma canção dolente  
Que tem notas agudas e sons graves...  
O sono invade a terra lentamente...  
Desfaz-se a luz em tintas mais suaves...

Os que não cantam, pensam todos: «Hoje,  
Na nossa aldeia, há uma romaria...  
Moças bailando...»—O pensamento foge  
Direito ao adro, em cinza de alegria...

Como êles sofrem, pobrezinhos!... E eu  
Vou lembrando um amor que amanheceu;  
Passo o dia e a noite a recordar!

Vive a tristeza em nosso peito, agora.  
Não há meio afinal de se ir embora!  
Anda a alma molhada, de chorar...

1917.

## VISITA DE SAÚDE

Ao Capitão-Médico  
JORGE DE CASTRO

Oito horas. Tanto frio!... Cai a neve!  
Há doentes que esperam p'ra os tratar.  
Todavia, a queixar-se, um não se atreve.  
Tem os olhos vermelhos, de chorar!...

Vou logo àquele. Observo-o com cuidado.  
Falo-lhe docemente, como amigo.  
E então, balbuciando, o desgraçado  
Conta-me tudo e abre-se comigo...

Nada lhe dói, mas sente que tem mal.  
(Deixou a mulherzita em Portugal. . .)  
— Se o corpo se não queixa, na verdade,

Para mim tem doença e sofre horrores:  
— Uma que não comprehendem os doutores  
E conhecem poetas:— a Saudade!

1917.

## PAI

A meu irmão AUGUSTO

Outros de nós foram além do mar,  
Caravelas guiando, à descoberta,  
E anos passaram, longe, a batalhar  
P'la nossa terra, em outra hora incerta...

E trouxeram de lá braço marcado  
De sinais que façanhas representam.  
Quando sucumbo, vejo-Os ao meu lado.  
Com seu exemplo, é que Êles me sustentam!

E Tu andas também à minha beira.  
És o meu companheiro de trincheira.  
Desces do céu, a acompanhar-me aqui!

Tudo o que eu possa ser, a contentar-te,  
Em façanhas de guerra, em cantos de arte,  
Devo-o a Êles, Pai, e devo-o a Ti!

1917.

## PRIMEIRO MORTO

Ao Capitão MENEZES FERREIRA

Olhei a sua face... Era ao sol-pôsto...  
Adormecera em derradeiro sono...  
E tão novito, que tristeza!... O rosto  
Tinha a côr da folhagem no outono...

Tombara como herói... Um estilhaço  
Rompera a chaga do seu peito forte...  
Tinha os braços cruzados, num abraço  
Em que estreitasse, à despedida, a Morte!...

Ficaria p'ra sempre em terra estranha!...  
E o olhar revelava a dor tamanha  
De não sentir, a acalentá-lo, alguém!...

Olhei-o inda uma vez... Morrera o dia!...  
— Os seus lábios, num rítus de agonia,  
Pareciam gemer: — « Ó minha Mãe!... »

1917.

## ENTRE RUÍNAS

Há por aqui... (Não deixam dizer onde),  
Numa aldeia que a guerra destruiu,  
Uma capela ativa. Não se esconde.  
Tudo tombou; só ela não ruiu!...

Tem uma santa, de olhos magoados,  
Estendendo p'ra nós as mãos esguias,  
Num gesto lindo: a abençoar soldados  
Que hão de morrer, talvez, em manhãs frias...

Meu peito à capelita se assemelha. . .  
Numa chaga sangrenta, bem vermelha,  
Rasgo-o de lado a lado; ponho-o a nu! . . .

Mergulha dentro dele o teu olhar  
E vê:— Meu coração é o altar  
E o meu peito a igreja; a santa és tu!

1917.

## CONTRASTE

Dormes, sossegadinha, no teu leito...  
Abrem-se em flor, na tua mente, os sonhos...  
— Rasa a metralhadora o parapeito...  
Morteiros põem fogo ao ar, medonhos!...

Teu leito é claro, é virginal, é puro  
Como a tu'alma, meu amor antigo!  
— O pensamento faz-se mais escuro  
Na escuridão brutal do meu abrigo!...

Alguém gemeu... É um ferido, certo!...  
Vem a lamentação para mais perto...  
Olho carnes sangrentas, laceradas!...

—Para que o salve e o trate com destreza,  
Ponho nas minhas mãos toda a leveza  
Das tuas mãos pequenas, delicadas...

1917.

## CONVALESCENTE

Em memória de meu irmão ANGELO,  
que morreu em África

O pensamento deixo, entristecido,  
Seguir bem longe, em direcção ao sul,  
Para o doce país todo florido,  
Aonde o sol é quente e o céu azul!...

Possa eu voltar a ver-te, ó Pátria, ainda;  
Encher do teu encanto o meu olhar!  
E, de alma cheia de alegria infinda,  
Em teu solo bendito ajoelhar!...

Venha depois a Morte, com carinho,  
Prender aos meus seus lábios; de mansinho,  
Cerrar meus olhos para nunca mais! . . .

E eu adormecerei serenamente,  
Por sossegar (feliz de quem não sente! . . .)  
Na terra em que descansam os meus pais! . . .

1917.

## NOVEMBRO

Ao Capitão-Médico  
ANTÓNIO BARRADAS

Novembro, mês dos frios em comêço,  
Triste, cinzento, duma côr de mágoa...  
O vento dança louco, em arremêso,  
E faz tombar a chuva em cordas de água...

Pela trincheira, os choupos erguem alto  
Seus braços de agonia para o céu...  
Sobe em ondas, ao peito, o sobressalto!...  
Há um grito na treva... Alguém morreu!...

«Quem foi? Quem foi?», pergunto, em ânsia, aflito;  
E ninguém me responde... Um soldadito  
Tomba junto de mim, sangue a correr...

Novembro, mês dos frios... a tortura  
Que rola em ondas de água e de amargura...  
Mortalha dos que tombam, a morrer!...

1917.

## BALADA DA MÃE DISTANTE

Ao Major ANDRÉ BRUN

Quando o trazia em meu peito,  
Quando êle era pequenino,  
Dos meus braços fiz um berço,  
Para embalar o menino. . .

Se sugava com tal fôrça  
Que o coração me rompia,  
Meu sangue mudava em leite  
No milagre da alegria! . . .

Milagre que, já nas virgens  
De coração inocente,  
É vago anseio de raça,  
Futuro em vida latente. . .

Quando do colo o desci,  
Para os passos lhe ensinar,  
Agarrava-lhe as mãozinhas,  
Levava-o a tenteiar. . .

E dizia, p'ra animá-lo:  
«Anda, meu filho, *tem-tem!* . . . »  
E êle avançava os passitos  
Já com ar de ser alguém! . . .

Depois cresceu, fez-se lindo  
Em robustez e bondade;  
E eu revia-me contente  
Na minha felicidade!

E pedia a Deus, orando :  
« Acompanhai-o, Senhor!  
Fazei com que o meu filhinho,  
De todos seja o melhor! . . . »

Já era um moço galhardo,  
O mais belo entre os mais fortes,  
Coube-lhe a vez ser soldado  
Que lhe caíram as sortes . . .

Dizia, para animar-me:  
« Sossegue, Mãe, não há guerra!  
Mas, se houvesse, eu queria  
Defender a minha terra,

Porque há dois amor's no mundo  
Que maior's não tem ninguém!  
Um deles—é minh'aldeia;  
Outro é— a minha Mãe! »

Ai! as ideias dos filhos!  
Das pobres mães, a tortura!...  
Se nos trazem alegria,  
Também trazem amargura!...

Mas, nas penas que nos dão,  
Nas saudades que nos deixam,  
As mães soluçam, baixinho,  
De dor... mas nunca se queixam!...

—Vai, meu filho!... Deus te leve!...  
Esta dor eu te perdô!...  
Vai aonde o teu destino!...  
Das minhas mãos te abenço!:...

Se acontecer que êste seja  
O meu beijo derradeiro,  
Pedirei a Deus que faça,  
Filho, que eu morra primeiro

E vá depressa, voando,  
Antes que tu apareças,  
A preparar-te no céu  
A caminha em que adormeças!...

— Como é que hei de revoltar-me,  
Nesta hora de agonia  
E sofrimento profundo,  
Se a própria Virgem-Maria

Também se sacrificou  
Pelo Seu filho, a penar,  
Para que Cristo pudesse,  
Morrendo, os outros salvar!...

Das mães é êste o destino...  
— Quando o trouxe no meu seio,  
Não o criei só p'ra mim...  
A Pátria exigiu-mo; eu dei-o!...

O meu filho vai p'rá guerra! . . .  
Deus o quer. Pois seja assim! . . .  
Morre pelas outras mães. . .  
Mas também morre por mim! . . .

1917.

## CANÇÃO DO ORGULHO

De todos os soldados  
às mulheres de Portugal

Não me lastimes! Não digas  
Que de mim, amor, tens pena!  
A minh'alma, pela guerra,  
Faz-se da côr da assucena!

Não quero que me lastimes  
Na tua queixa sem fim!  
Só quero me queiras muito  
E que te orgulhes de mim!

Que falsa ideia que tens,  
Amor, do meu coração!  
Pois não vês que êle protesta  
Contra a tua compaixão?!

Se em nossa terra ficaram  
Milhar's de moços robustos,  
Que não sentem a grandeza  
Dêstes momentos augustos,

Em que a Morte, ao nosso lado,  
Com ar de quem nos deseja,  
Subtilmente perpassa,  
Quási nos prende e nos beija,

Lembra essa vida mesquinha,  
Sem que a exalte um nobre fim!  
—E como o teu pensamento  
Será melhor para mim!

Sôfro, é certo, mas que importa?  
Cada novo sofrimento  
Enche, depois, a minh'alma  
Dum maior contentamento!

Eu que às vezes era mau,  
De maldade inconsciente,  
Sinto-me, em frente da Morte,  
Mais puro e mais inocente!

Não é só tortura, a guerra.  
Tem esta compensação:  
Rasga-se a dor no meu corpo  
E melhora o coração!

Se eu voltar à minha terra,  
Não venhas, amor, olhar-me  
Com um ar de quem tem pena  
Que eu ande a sacrificar-me!

Nem digas palavras falsas;  
Antes de orgulho me animes!  
Que eu só quero me respeites  
E nunca mais me lastimes! . . .

1917.

## O DRAMA DUM MINUTO

Ao Capitão JAIME RODRIGUES BAPTISTA

«¿ Quem vem lá?...»—a sentinela  
Pregunta, com voz mais forte!  
Feriu-a um tiro no peito...  
Quem vinha lá—era a Morte!...



## ANGÚSTIA

Uma granada estoirou  
Como um raio... Estremeci!  
Quando o perigo passou,  
Amor, lembrei-me de ti!

Para meu maior tormento,  
Tão amargo como o fel,  
Logo, no meu pensamento,  
Formou-se a ideia cruel:

—Se eu morrer, hei de sentir  
Um doloroso embaraço. . .  
Que eu sei... não posso dormir  
A não ser no teu regaço!

1917.

## SOB A NEVE

Cai a neve, de mansinho...  
Linda neve, côr da tua  
Alma tão cheia de neve...  
Cai neve, pranto da lua!...

Cai a neve, de mansinho,  
Como flocos de algodão..  
Enche de frio o meu peito...  
Paraliza o coração...

Cai a neve, de mansinho,  
Pouco a pouco docemente...  
Soldados ao parapeito,  
Alma em dôr, corpo tremente!...

Cai a neve, de mansinho...  
A terra assim, tão branquinha,  
É linda — porque me lembra  
As câs da minha avòzinha!...

Cai a neve, de mansinho,  
Sôbre a Terra de Ninguém...  
Embaciam-se os meus olhos  
Olhando o sul, para além!...

Cai a neve, de mansinho...  
Fere em cheio no meu peito...  
Enquanto arrefeço, aqueces  
No conchêgo do teu leito!...

Cai a neve, de mansinho...  
O calor que faz perder  
Dava-o, contente, se acaso  
Servisse p'ra te aquecer!...

Cai a neve, de mansinho...  
Talvez eu tombe... Deixá-lo!...  
Meia noite... — Em minha terra,  
Reza-se a missa do galo...

Cai a neve, de mansinho...  
E, sob a forte nevada,  
Os soldados vão pensando:  
Triste a nossa consoada!...

Cai a neve, de mansinho...  
Cada minuto é mais farta!  
Ao frio dela, eu ajunto  
O frio da tua carta...

Cai a neve, de mansinho . . .  
A neve faz tanto mal!  
— O sol foi passar o inverno  
Às terras de Portugal! . . .

Véspera de Natal, 1917.

## PORTUGAL, CREIO EM TI!

Ao 1.º Tenente da Armada  
PRESTES SALGUEIRO

Portugal, creio em ti! — na minha Raça;  
No teu destino altivamente forte!  
Não ouças as palavras de desgraça!  
Ouve as daquêles que se dão à Morte!

Portugal, creio em ti! — na fôrça oculta  
Que anda dentro do peito a dominar  
E actua na noss'alma, em catapulta,  
— Muralhas de desânimo a abalar!

Portugal, creio em ti! — Nos soldadinhos  
É que nós encontramos a beleza  
Dos que deixaram beijos e carinhos,  
P'ra que se erguesse a Terra portuguesa!

Portugal, creio em ti! — porque em nós todos  
Vive o mesmo desejo igual e terno:  
— Levantar a noss'alma dentre os lôdos,  
Sofrendo, sem protesto, neste inferno!

Portugal, creio em ti! — no sonho alto  
Que Afonso Henriques uma vez sonhou  
E que a Raça depois, em sobressalto,  
Compreendeu e ainda dilatou!

Portugal, creio em ti! — Em todos nós  
A alma grita enternecido apêlo:  
— Não escutes dos maus a triste voz!  
— Não ouças mais os velhos do Restêlo!

## ALFERES

Aos antigos comandantes de pelotão;  
aos patrulheiros.

Pela altiva memória  
do Capitão LUÍS GONZAGA

Nesta guerra de rude batalhar,  
Ser alfer's, entre nós, é ser Alguém!  
No mais alto da escala militar,  
São generais da Terra de Ninguém! . . .

1917.



## CARTA DUM SOLDADO

Ao Capitão EUGÉNIO  
RODRIGUES ARESTA

*Mamuazel vu porté vu,*  
*Mamuazel bôcup joli,*  
— Não é linda como tu!  
Porque eu te juro, *compri?*,  
Maria do meu amor,  
Não há, por êste redor,  
Outra mais linda qu'a ti!

Manda a gente o pensamento,  
Nas asas largas do vento,  
Até onde, amor, estás;  
E o vento vem-me dizer,  
Na volta, que, se eu morrer,  
Nunca mais me esquecerás!

Lembras-te ainda do dia  
Em que, na nossa alegria,  
À igreja te levei?  
Lembras.—Lembrar, quem não há de! . . .  
E o que disse o nosso abade! . . .  
—Tu choraste e eu chorei! . . .

E aquele beijo calado,  
E tão santamente dado,  
Lábios presos, doce atilho!  
Beijo honesto—fecundou.  
Mais tarde, desabrochou  
Em carne do nosso filho!

Quando o tinhas ao teu seio,  
Teu leite era como um veio  
De vida na sua bôca!  
Ficava lindo, a sugar,  
Com um ar de protestar  
Que a comida inda era pouca!...

Bebia em grandes goladas...  
As mãositas, apertadas,  
Prendiam-te muito a si!...  
Ai! que saudades, Maria!...  
E eu, enquanto êle bebia,  
Pasmado, olhava p'ra ti!...

O seu olhar tão bonito  
Olhava-me muito fito,  
Num ensaio de dizer  
Que em meu peito forte e bom,  
Dentro do meu coração,  
Só vós podíeis viver!

De manhã, mal as estrêlas  
Se escondiam nas janelas  
Que o sol fizera cerrar,  
Levantava-me de manso,  
Deixava-te inda em descanso  
E ia, longe, a trabalhar! . . .

À tarde, quando o sol fôra,  
Correndo na serra, embora,  
E a noite vinha, cerrada,  
No desejo de te ver,  
— Já nem sentia doer  
O ombro, moído da enxada! . . .

E ardia o meu peito, em brasa,  
Quando, à soleira da casa,  
Teu olhar me aparecesse!  
Prendia-te a mim num beijo,  
A dizer-te o são desejo  
De que outro filho viesse! . . .

Mas não veio!—Quis a sorte,  
Que, pró combate da morte,  
Me pertencesse abalar.  
E o que me vale, Maria,  
É a tua companhia!  
—Não deixas de me lembrar!...

Disse-me o nosso tenente,  
Amigo como um parente,  
\*Que esta formidável guerra  
De tiros, bombas, canhões,  
É por môr dos alimões  
Quererem a nossa terra!

Por isso é que a gente é home'!  
E ainda que a dor consome,  
De te não ver, por meu mal,  
Não te inquietes, mulher,  
Pois seja o que Deus quiser  
Por amor de Portugal!

Quando abriam as giestas,  
E tu vinhas para as festas  
E eras toda do meu peito  
E dos outros desejada,  
Refervia a cacetada!  
— Quem me faltava ao respeito?!...

Por isso é que sou soldado  
E ando aqui entusiasmado,  
Sofra calor, passe frio!  
— Não julguem os alimões  
Que alguém, com tristes razões,  
Ofenda, impune, o meu brio!

Ó mulher, tu que és tão boa,  
Não me ralhes, vá, perdôa!  
— Quero mostrar o que sou!  
Se eu morrer, dize ao meu filho:  
Riscando o pau, num sarilho,  
— Nunca o pai se acobardou!

E se Deus quiser que eu possa,  
P'ra muita alegria nossa,  
Voltar inda à minha terra,  
Lá por toda a freguesia,  
Hão de chamar-te a Maria  
Do Manel da Cruz de Guerra!

Nas horas tristes, de mágoa,  
Os olhos são fontes de água  
Que vem da rocha do peito!  
Para o medo dominar,  
Pômo-nos, baixo, a rezar,  
Ligados ao parapeito! . . .

Pois há medo — que a coragem,  
Na fúria má da carnagem,  
Contra o medo se revela;  
E depois é que se expande!  
— Como a gente se vê grande  
Num quarto de sentinela!

Às vezes, a Natureza  
Parece que toda reza  
Numa oração que não finda...  
Conseguimos esquecer  
A agonia de morrer!...  
A guerra chega a ser linda...

Pois quási lembra, da aldeia,  
Uma rija festa, cheia  
De sinêtas em repique!...  
Há soldados pelas ruas,  
Que são trincheiras — e duas  
Confrarias em despique!...

Sóbem fogachos no céu.  
Rebentam bombas, e eu  
Fico, passado, a scismar:  
— Parece uma romaria  
Em que, com vinho e alegria,  
Só nos faltava bailar!...

Mas não é, diz o meu cabo,  
Travêso como um diabo,  
Bem na orelha, p'ra que eu ouça:  
— Que há uma mulher, a Morte,  
Que baila connôsko à sorte!...  
Má raios partam a môça!

— Vá lá bailar com quem queira,  
Por que assim, dessa maneira,  
Com ela não vou bailar!...  
Faço-me alonso, matula!...  
— Quem dera dansar a chula  
Tendo-te, amor, por meu par!...

Ai, meu amor, quem me dera  
O tempo de primavera  
Em que, mais linda que as mais,  
Oculto numa portela,  
Te via, alegre, à janela,  
Dizer amor, em sinais!...

E é nesta paixão sentida  
Que ajunto as horas de vida  
Que me restem, a lembrar-te! . . .  
No fundo do meu abrigo,  
Se durmo, sonho contigo,  
— Já que não posso abraçar-te! . . .

Neste meu destino incerto,  
Quando do sonho desperto,  
Logo a saudade me abrasa! . . .  
Falei de ti e de mim.  
Para na carta pôr fim,  
Falemos da nossa casa:

— P'ra isso, vai em consêlho:  
Dá uns passos ao cortêlho;  
Manda dizer dos cevados;  
E pede ao Zeca do 6  
P'ra dar-te os quinze mil reis  
Que me pediu emprestados . . .

Diz se há por lá muitas chuvas:  
— Não vão estragar-se as uvas  
E perder-se a novidade!  
Manda pôr um fecho à porta;  
Trata-me bem dessa horta;  
Compra uma enxó na cidade.

Pergunta ao tio João  
Se provou o alvaralhão  
E se é coisa que se veja. . .  
Por cá, só bebo *bière*.  
Arranha a garganta, fere,  
Parece mesmo cerveja!

Dize ao teu primo Ramadas  
Que a água das três levadas  
É minha—só de nós dois!  
— Que ma não deixe roubar!  
E, pró gado se alindar,  
Que não falte o pasto aos bois!

Compra a roupa ao nosso filho.  
Do canastro tira o milho;  
Leva-o, p'rá eira, a secar.  
O teu pai inda não veio?  
Já guardaram o centeio?  
— Não mo deixes gorgulhar!

À ti' Joana da Estucha,  
Que dizem aí que é bruxa,  
Quando a vaca andar enchida,  
Pede que diga uma reza  
Que faça com que a «Lindeza»  
Tenha uma boa nascida!

Nestas horas de saudade,  
Visitas ao nosso abade,  
Ao António de Santar,  
À Joana e à Emília,  
Ao restante da família  
E a quem por mim perguntar!...

As palavras que te digo,  
Como o teu maior amigo,  
— Nunca as deixes esquecer!  
Agora, a continuar,  
Aí vai o meu falar  
Do mais que quero dizer:

— Uma só mulher amei,  
Aquela por quem chorei  
Ao dizer-lhe, um dia, adeus!  
— Essa és tu, mãe do meu filho,  
Alminha cheia de brilho,  
Abençoada por Deus!

O Santo António, na igreja,  
P'ra que toda a gente veja,  
Tem Jesus na sua mão...  
— Amo-te mais do que o santo  
Amou a Jesus — porquanto  
— Te guardo — em meu coração!...

— Estas letras mal notadas  
São as saudades contadas,  
Em linhas, sôbre o papel!  
Só de ti, amor, me lembro!...  
Em França, 3 de setembro.  
Do teu amor, Manuel!

1917.

## MÃE

A minhas irmãs

Quando, de pequenino, te perdi,  
Mal aquecido ainda dos teus braços,  
Nem eu sonhava, Mãe, andar aqui,  
A acudir aos feridos de estilhaços! . . .

E não matei! — Só trago as mãos tingidas  
Do sangue dos heróis que vi morrer . . .  
E choro, Mãe! E choro as suas f'ridas,  
Quando a Morte é capaz de me vencer! . . .

Mas se fôsse preciso fazer mal,  
Para tornar mais forte Portugal,  
Perdôa, Mãe, porque eu faria assim. . .

A outros cabe essa tarefa estoica!  
A minha—é amparar a alma heróica  
Que, em sofrimento, se abeirou de mim! . . .

1918.

## MORIBUNDO

Ao Tenente-Médico

MÁRIO PEREIRA LAGE

O meu olhar repouza em suas f'ridas,  
Tristes de ver... O sangue corre, môrno...  
Suas pupilas baças, doloridas,  
Lançam olhar's de despêro, em tôrno...

«Senhor doutor, acuda-me depressa!»,  
Diz, numa voz de esp'rança que magôa!...  
Ponho-lhe com amor uma compressa...  
À nossa roda, o bombardeio ecôa!...

E sei que está perdido... Êle interroga:  
«Vai-me salvar da morte que me afoga?»  
Minto... p'ra convencer que o salvarei!...

E, ao vê-lo um quási nada satisfeito,  
Calco as lágrimas dentro do meu peito,  
—P'ra que Êle não perceba que chorei...

1918.

## DOIS TÚMULOS

Ao Tenente

JOAQUIM ALVES PINTO COELHO

Cobre-os, enternecida, a mesma terra,  
Em manto de ternura e compaixão . . .  
Num dorme um português, herói da guerra,  
E no outro repouisa um alemão.

Ponho-me a ouvi-los, quando a noite desce,  
E ouço dizer baixinho o alemão:  
— «Abeiremos as almas! Anda, esquece!  
Já não há ódio em nosso coração! . . .

Primeiro me atacaste e me feriste!...  
Disparei eu, depois... Tu sucumbiste!...  
A raiva que te tinha—despedaço!»

«Ambos quisemos nossa Pátria forte!»,  
Responde o português — «Amigo, a Morte  
Fez-nos irmãos dentro do mesmo abraço!...»

1918.

## MANHÃ DE «RAID»

Ao Alferes ARMANDO BARBOSA  
DA FONSECA CARDOSO

O inimigo, em raiva, bombardeia!  
— Soldados, preparar p'ra bem morrer! . . .  
Olho os clarões das peças . . . — Dão a ideia  
Duma aurora boreal a aparecer . . .

«Rapazinhos, atentos! Vá, coragem!»,  
Dizem alfer's, na pressa dos minutos,  
Marcando as silhuetas na barragem,  
Confiantes, serenos, resolutos!

Há mortos. Há feridos. Os maqueiros  
Passam... Trocam-se os tiros derradeiros...  
Venceu-se!... E o corpo tomba, a repousar...

Do estrondo de inda há pouco nada resta...  
A luz tudo envolveu dum ar de festa...  
Começaram as aves a cantar...

1918.

## POR AMOR

Ao soldado de infantaria CAR-  
LOS DE MASCARENHAS, pelos  
rapazinhos dos meus regimentos.

Por amor, somos soldados.  
Andamos juntos, na guerra,  
Em Ala dos Namorados:  
Nossa Dama—é nossa Terra!

1918.



## BALADA DO BERÇO

Ao Tenente SARMENTO DUQUE

A um berço, num casebre  
Em ruínas, do canhão,  
Fiz, nuns minutos de febre,  
Êsses versos que aí vão:

— Berço, que já não embalas  
O coração pequenino,  
E sofres, lembrando as falas  
Daquele triste menino

Que, em manhã duma batalha,  
A mãe de ti arrancou,  
E, a salvá-lo da metralha,  
Para mais longe o levou,

Por estradas temerosas,  
No terror do bombardeio,  
Sob as granadas raivosas,  
Apertando-o contra o seio,

Aos tropeções sôbre a terra,  
Em gritos de dor gementes,  
Na fúria horrível da guerra,  
Que nem poupa os inocentes! . . .

— Que será da mãe, perdida?  
Que será feito daquele  
Que te transmitia a vida  
No calor da sua pele? . . .

—Que pena intensa me fazes,  
Esquecido nesse canto,  
Verniz queimado, dos gases,  
Com um ar triste de espanto,

Um ar de tanta amargura,  
Deus me perdôe a herezia!,  
Como ao Cristo em sepultura  
Mostrou a Virgem-Maria! . . .

—Que Deus releve o pecado  
Da minha comparação!  
Do que tenho imaginado,  
As coisas têm coração. . .

Também tu foste ferido,  
Sob a casa a derrocar,  
Ninguém ouve o teu gemido,  
Não tens voz para falar. . .

Junto às paredes tombadas,  
Deixaram-te aqui sòzinho,  
Aos insultos das granadas,  
— Tu que fôras o seu ninho

E quiseras que ficasse  
Num infantil abandôno,  
E sôbre ti repoisasse,  
Dormindo o último sôno! . . .

\*

\* \* \*

Triste berço pequenino!  
Pensei ser bom, enganá-lo . . .  
Disse: «Chegou o menino!  
Descansa, vais embalá-lo! . . .»

Mal que o disse, estremeceu.  
Uma dúvida, decerto...  
Estrondo!... A casa tremeu.  
Granadas bateram perto.

Toquei no berço... Um momento,  
O berço pôs-se a embalar...  
Mais apressado... mais lento...  
— Parecia soluçar!...

1918.



## À HORA DO «A POSTOS»

Ao Tenente-Coronel  
CRISTÓVÃO AIRES

Ciciam vozes... Toda a gente escuta...  
Ninguém sabe prevêr o que virá...  
E sente a mesma ideia absoluta:  
— Como tarda, em nascer, esta manhã!...

Qual fogo-fátuo, um *very-light*, às vezes,  
Rompe em leque de fogo, incendiando...  
Nos húmidos recantos dos travêses,  
Passam rondas de mortos, soluçando!...

Almas de corpos rôtos, em pedaços,  
Que, sob a fúria má dos estilhaços,  
Tombaram por aqui e por além! . . .

Almas — p'ra quem exijo a caridade  
Duma oração contínua de saudade!  
— Santos Mártir's da Terra de Ninguém! . . .

1918.

# TRILOGIA DE GUERRA

## I

### MARÇO-ABRIL

Ao Capitão HERNÁNI CIDADE

Ando mais velho, dès que vim à guerra,  
Numa manhã de sol, deixando o cais.  
Trouxe-me longe o amor da minha terra,  
Do meu país de luz e pinheirais!...

Sinto-me envelhecer na orgia de aço...  
Aqui, a gente assiste a tanto horror,  
Que o corpo se aniquila, de cansaço,  
E só a alma paira sôbre a dor!...

## TRILÓGIA DE GUERRA

O combate da noite

\* \* \*

\* \* \*

## MARÇO-ABRIL

O combate da noite

Ladram canhões, em brados de arripio...  
O vento passa em chicotadas; leva  
As balas pelo ar, num corropio,  
Perdendo-se na noite funda, em treva...

E a chuva tomba, às vezes, a rolar,  
O combate da terra acompanhando...  
Sentinelas atentas, a espiar,  
Têm atitudes brônzeas, de comando!...

Outros dias, a neve cai ligeira,  
Como um lençol de linho muito branco...  
Um morteiro rebenta na trincheira:  
— Onde estava um abrigo, eis um barranco!...

E há pedaços de membros, envolvidos  
De terra, que a explosão dilacerou...  
O sangue é rubro — e brancos os gemidos  
Dos que a morte, um momento, avizinhou!...

As goelas de bronze, com fereza,  
Abrem leques de luz, ardendo em chama...  
E a gente queda presa na beleza  
Da mistura de luz, de fogo e lama!...

O *tam-tam* das sinetas, alarmando,  
Traz cheiros de irritantes atmosferas!  
Ficamos, com as másc'ras, semelhando  
Monstros de antè-diluvianas eras!...

A surriada da metralha irrita!  
Fica-se a ver se a morte vem ou não...  
Quási deseja a nossa ideia, aflita,  
—Que pare, duma vez, a sensação!...

Sulcando o ar, ribombam explosões,  
Em fúrias violentas, repetidas!  
Ergue-se a terra em doidas convulsões,  
O ventre em chaga, abertas as feridas. . .

E sôbre elas, rasgadas há momento,  
Outras f'ridas se enxertam, já mais novas...  
Na raiva atroz do bombardeamento,  
Dalguns de nós, talvez, sejam as covas! . . .

\*

\*

\*

—É na agonia horrível que amordaça  
Nossa bôca cerrada de loucura,  
Que vibra dentro em nós toda uma Raça  
E noss'alma tem marcas de Estatura!

— Porque o impulso humano de fugir  
Que o corpo arrasta e dobra e violenta,  
Só a Vontade forte, a reprimir,  
Em coragem mais bela o apresenta!...



II

DIÁLOGO ENTRE A  
ALMA E O CORPO

Ao Tenente-Médico da Armada

MÁRIO GARCIA DA SILVA

Á voz da alma, o corpo se revolta;  
Porém, numa renúncia sã, de monge,  
Só um lamento, tristemente, solta:  
—Que bem que se estaria daqui longe!...

E passa então a memorar, saudoso,  
Nos segundos de vida que tiver,  
O seu país, onde viveu ditoso  
Entre uns braços amigos de mulher...

Lembra, a seguir, os beijos que lhe deu  
Na hora triste e má da despedida,  
Quando o comboio todo estremeceu  
E abalou num arranco, de fugida. . .

E o lenço branco, em trémulos errantes,  
Que só a curva fez que se ocultassem. . .  
Das mãos—os lenços—lágrimas distantes. . .  
—Como se as próprias mãos também chorassem. . .

Mas, passada a tortura da saudade,  
O corpo arranca, mais altivo e forte,  
E sob a acção potente da vontade,  
Expõe o peito p'ra a metralha, à Morte! . . .

### III

## TRANSFIGURAÇÃO

Ao Tenente-Coronel JOÃO MA-  
RIA FERREIRA DO AMARAL

A alma que venceu — ergue-se altiva!  
Ouve-se sempre, dos canhões, a voz. . .  
A batalha redobra, é mais activa!  
— Bendita seja a alma dos Avós!

Porque Ela foi que nos fez grandes — tanto  
Que duvidamos quási que assim seja!. . .  
E os nossos lábios, trémulos de espanto,  
Rezam, baixinho: — «Sim, bendita seja!»

Do combate, é mais forte a violência!  
Anda fogo nas veias, a rolar!...  
O bailado da Morte é uma cadência...  
Fere aqui, fere ali, a aniquilar!...

E há mãos que se enclavinham, torturadas,  
Por já não terem fôrças p'ra mexer!  
Sob o estampido enorme das granadas,  
Os corpos tombam—deixam-se morrer!...

Já não importa a vida!—Dá-se a gente  
Numa alegria sã, mais bela ainda  
Que a própria vida!—E dá-se alegremente  
Porque a Morte é então heróica e linda...

Porém, são só alguns os que ela afaga  
Em tal ânsia de posse, ardente e louca!  
Onde os beijos depõe, fica uma chaga...  
E o sangue tinge, em borbotões, a bôca!...

Berram morteiros; silvam as granadas!  
Um plátano abateu; em ânsias, morre...  
Outras árvores voam, arrancadas;  
Dos seus troncos em f'rida, a seiva escorre...

Neuve-Chapelle!... O Cristo vive ainda!...  
Tem os braços pregados sôbre a cruz...  
O fogo envolve-O duma auréola linda.  
Vem dos seus olhos a divina luz!...

O Cristo dos soldados — que, connôco,  
Tem vivido estas horas de tortura,  
Como a dizer: «A paz seja convôco!»,  
Marca em seus lábios rictus de amargura...

Vejo-O daqui!... — As suas mãos parece  
Que dos braços da cruz quer desligar,  
Para, unindo-as no geito duma prece,  
Nos pedir com amor — para parar!...

—Cristo-soldado, Êle perdoa a falta...  
Compreende como nós todo o dever  
Que o sangue nos invade e sobressalta!...  
E, se nos faz matar—nos faz morrer!...

Trincheiras, onde estais?...—Foi a barragem  
Que revolveu a terra toda, a eito.  
Em que se apoia a gente?—Na coragem!  
Só há um parapeito—o nosso peito!...

Quando os canhões pararem, de cansaço,  
E não se ouvir do bombardeio a voz,  
O mesmo orgulho, em nosso peito de aço,  
Há de gritar, em cada um de nós:

—Que pena enorme eu tenho dos rapazes  
Que não vieram combater à guerra,  
Porque só nós hemos de ser os ases  
Da glória eterna e sã da nossa terra!—

NOSSA SENHORA DA «TRINCHA»

Ao Alferes-Capelão  
P.<sup>e</sup> JOSÉ DO PATROCÍNIO DIAS,  
actual Bispo de Beja

Nossa Senhora da «*Trincha*»,  
Dos soldados padroeira,  
Tem capelinhas erguidas  
Nas banquetas da trincheira!

Não A conhecem na igreja;  
Ninguém mais A conhecia!  
Fômos nós que A advinhamos,  
Num minuto de agonia! . . .

\*

\* \*

Quando um dos meus soldadinhos  
Se arreceia de morrer,  
Estas palavras que eu digo  
Começa então a dizer:

—Deus me perdôe, se peço  
Em tão grande devoção!  
Nossa Senhora da «*Trincha*»,  
Guardai o meu coração!...

Levai-o a Deus, p'ra que fique  
Mais sereno à sua beira;  
E, depois que se aquiete,  
Trazei-mo então à trincheira,

Para que o ponha, de novo,  
Outra vez, dentro do peito,  
A dar-me fôrça e coragem  
De ficar ao parapeito! . . .

Quando, à hora do «*a postos*»,  
É iminente o perigo,  
Nossa Senhora da «*Trincha*»,  
Só Vós sois o meu abrigo,

—Pois qualquer outro que eu tenha,  
Seja de tábua ou *béton*,  
Nunca será tão seguro  
Como a Vossa protecção!

Se, p'ra acudirdes aos mais,  
Me não puderdes valer,  
Nossa Senhora da «*Trincha*»,  
E que eu tenha de morrer,

Seja aqui, pela barragem,  
Ou na Terra de Ninguém,  
Levai o meu coração  
P'ra junto da minha mãe!...

Metei-lho dentro do peito,  
Sem que possa adivinhar  
Que os meus olhos que beijou,  
Nunca mais há de beijar!...

E, depois que lá se encontre,  
No sangue que ela me der,  
Coração ressuscitado,  
Há de tornar a bater!

Dêsse modo, a pobrezinha,  
Quási afogada de pena,  
Passará todos os dias  
Mais confortada e serena!...

—Quando, por fim, desconfie  
De que eu não volto ao seu lado,  
E o coração lhe comece  
A bater desordenado,

—Logo o meu, para acudir-lhe,  
Para que não desfaleça,  
Nossa Senhora da «*Trincha*»,  
Fazei que bata depressa

E diga dentro do seio,  
Onde um dia se formou:  
—«Minha Mãezinha, sossega!...»  
—Minha Mãezinha, aqui estou!...»

No milagre que vos peço,  
Que com fé vos peço eu,  
Meu coração não deseje  
Melhor campa, melhor céu!...

\*

\*

\*

Nossa Senhora da «*Trincha*»,  
Dos soldados padroeira,  
Tem capelinhas erguidas  
Nas banquetas da trincheira!

Deus me perdôe, se peço  
Em tão grande devoção!  
—Nossa Senhora da «*Trincha*»,  
—Guardai o meu coração!.. .

## DEIXA-OS DORMIR...

Ao Capitão-Aviador ANTÓNIO MAIA

Há um cemitério junto da trincheira.  
Paro, de quando em quando, a contemplá-lo.  
É uma aflição cruel e verdadeira  
Enche todo o meu peito, a dilatá-lo...

É que, de novo, estoiram as granadas,  
Sôbre as campas, em fúria, a revolvêr!...  
Vão despertando as almas repousadas  
Que começavam quási a adormecer...

Nesse momento, invade-me a revolta,  
E a minha bôca, amargurada, solta,  
Num grito de protesto, a minha voz:

— Detém, canhão, detém a tua fala! . . .  
Deixa-os dormir em paz na sua vala! . . .  
— Antes caíam granadas sôbre nós!

1918.

E FALA O MEU CORAÇÃO...

Ao Capitão ERNESTO SARDINHA

Coração que não acalmas,  
Porque bates, coração?  
— Bato por todas as almas;  
Almas de quem sou irmão!

Bato só pelos soldados,  
Meus companheiros e amigos,  
Na mesma ideia irmanados,  
Sujeitos aos mesmos p'rigos.

—Que perdôe o meu amor  
Porque não bata por Ela,  
Nesta hora... Num temôr,  
Sou, no peito, a sentinela

Que escuta, espreita, que fita  
Onde um p'riço possa andar,  
P'ra valer à alma aflita,  
Inda a tempo de amparar!

E, dando às mãos todo o sangue,  
Lhes grite:— «Vamos, depressa!...  
P'ra que não se torne exangue!  
Antes que Êle desfaleça!...»

E lhes rogue, a palpitar:  
—«Tornai-vos, com mais carinho,  
Leves, p'ra não magoar,  
Como a penugem dum ninho!...»

—Quando a tempo não acudo,  
Porque a Morte o envolveu,  
Antes, a vêr se o iludo,  
Que a alma lhe suba ao céu,

Eu, na voz do pensamento,  
Ao coração semi-morto  
Digo, naquele momento,  
Como um supremo confôrto:

—«Dorme serêno, descansa!  
Tu só vais adormecer!...»  
E as palavras de esperança  
Dão-lhe a ilusão de viver...

A um, a outro, mentindo,  
Eu não minto, na verdade...  
A própria Morte iludindo,  
Vivem na minha saudade,

E terão para guardá-los,  
Em santa recordação,  
Meu sangue que há de embalá-los,  
A bater, no coração!...

—Por suas dôr's envelheço,  
A amá-los como ninguém,  
Enquanto não desfaleço,  
Enquanto eu viva também!...

Se a Morte, aranha maldita,  
Me prender nas suas teias,  
E a minh'alma quede aflita  
E o sangue pare nas veias,

—No peito doutro soldado  
É que eu quero reviver!  
Sangue batendo apressado,  
Em outra vida a correr...

Se um de nós pára, outro logo  
O recebe, o agasalha,  
E palpita sob o fogo,  
Sem receio da metralha!

—Pela fé que nos aquece  
E em nossas almas estua,  
A vida, mal desfalece,  
Ressuscita e continua...

—Morreu a Morte, vencida!  
Contra nós não póde mais...  
—Corações da mesma vida,  
Corações todos iguais!...

\*

\*

\*

Assim falou, no meu peito,  
Meu coração, de alma pura,  
A palpitar satisfeito,  
A exgotar-se de ternura!...

E enquanto vivo pulsar,  
É êle, em mim, o sacrário  
Onde eu guardo, par a par,  
Os Cristos dêste Calvário!...

1918.

S. O. S.

Ao Major GUILHERMINO TERRIO

São batarias loucas, disparando! . . .  
Metralhadoras rindo, às gargalhadas! . . .  
Os morteiros pesados ronronando! . . .  
Ordens de alfer's, ardentes, apressadas :

— «Irmãozinho artilheiro, acode, agora! . . .

— Anda, metralhador, detém! detém! . . .

*Salvai as nossas almas*, nesta hora,

E fazei nossa a terra de Ninguém! . . . »

— Olhando os que mer'ceram uma Cruz  
E em cuja face morta desce a luz  
Dos *very-lights* que ardem como sóis,

Eu penso, sob o estrondo da barragem,  
Que os canhões, numa última homenagem,  
Salvam — à morte heróica dos Heróis!

1918.

## MANCHAS DE SANGUE

Ao Tenente CARLOS DE ALPOIM

Reparo em manchas pela terra adiante.  
Apercebo-as melhor . . . Sangue vermelho . . .  
Faz-se a dôr em minh'alma; e, num instante,  
Sinto as pernas dobrarem-se . . . Ajoelho.

Fico a lembrar o soldadinho altivo  
Tombado aqui, p'ra nunca mais se erguer . . .  
Sangue de Portugal, vermelho-vivo,  
A conquistar a terra onde morrer! . . .

Ha de tornar à vida o sangue d'Êle,  
Nestes plainos de dôr... Neuve-Chapelle,  
Onde o Cristo protesta contra o mal!...

— Nas manchas do seu sangue, gloriosas,  
Irão buscar, depois, a seiva as rosas,  
A julgarem nascer em Portugal...

1918.

FALA A MÃE DESCONHECIDA  
DO HERÓI DESCONHECIDO

Ao Capitão AUGUSTO CASIMIRO

— **M**eu Deus! Meu Deus! Não saber eu quem seja!...  
Tolda-se o meu olhar, falho de brilho,  
A desejar fitá-lo, p'ra que veja  
Se Êsse, que aí repouisa, é o meu filho!...

— É Êle?... Não será?... — Dizei depressa!  
Despedaçai as táboas do caixão!  
Mas permiti, por Deus, que O reconheça!  
— Não vêdes que me pára o coração?!...

—E porque não abris?... Que mal que tem?...  
Olhai toda a amargura dêste anseio!...  
Quero dizer-lhe o meu amor de Mãe!  
Quero embalar Seus ossos no meu seio!...

Quero dizer-lhe as horas de trespasse,  
Loucas, de Dôr infinda, que sofri!  
Para que veja as rugas desta face!...  
Para que saiba quanto envelheci!...

—É Êle! É o meu filho! Eu sei! Eu sinto!  
Dúvidas tinha. Agora não; deixei-as!  
Falar o amor de Mãe em meu instinto!  
Di-lo o sangue, a pulsar, nas minhas veias!...

—Que a Virgem-Mãe perdôe a heresia,  
O grito desta Dôr, abrindo em luz:  
—Mas é maior que a Sua esta agonia,  
Porque Ela, ao menos — *viu* morrer Jesus...

— E eu não pude colhê-lo nos meus braços,  
Ao meu filho, na hora derradeira,  
Quando, ao sofrer a dor dos estilhaços,  
Êle tombou, heróico, na trincheira!...

Por cada f'rida que a metralha abriu  
No Seu corpo, a alagar-se em sangue rubro,  
A vida se escoou!... — E sucumbiu!...  
Dentro em meu peito, a cicatriz descubro!...

Chorei!... É natural!... — Sou Sua Mãe!  
Fez-me tão bem chorar!... Desabafei!... —  
— Mas não quero que O chore mais ninguém,  
Ao filho meu — o Herói que amamentei,

— Porque percebo que em minh'alma vibra  
Uma fôrça de orgulho que me inunda,  
E passa em minha carne, fibra a fibra,  
Por ter um dia sido, assim, fecunda!

Relembro, altiva, a Dôr das Suas f'ridas,  
Cheias de sangue, abertas, e tamanhas!  
— Desce, em meu ventre, a Pátria, as mãos ungidias,  
A abençoar-me o filho das entranhas! . . .

Pois é tão bela e grande a Sua história!:  
— Foi dum beijo de amor que Êle nasceu!  
E, p'ra eterna ficar Sua memória,  
— Dum beijo de VICTÓRIA é que morreu! . . .

Março de 1921.

## DEPOIS...

Ao Coronel  
AUGUSTO MARIA SOARES

Findou a guerra. Descansou a Morte.  
Fatigou-se, talvez, de nos matar...  
E nem eu sei quem teve melhor sorte:  
—Fômos nós, ou quem ela quis levar?...

Nós que sonhámos uma Pátria forte  
E tão triste a viemos encontrar!  
Sem um grito de amor que nos conforte!  
—Culpados de na Raça acreditar?...

Ou Êles que repoisam dôcemente  
E a quem vimos partir estoicamente  
P'ra a Sua Sexta-feira da Paixão? . . .

—Êles a quem, se enfim ressuscitassem,  
E como nós, sofrendo, a Pátria olhassem,  
Outra vez pararia o coração . . .





## ÍNDICE

	Pág.		Pág.
Prefácio . . . . .	9	Mãe . . . . .	81
Dos meus irmãos de fogo e de agonia... .	13	Moribundo . . . . .	83
Aquarela da Partida . . . . .	15	Dois túmulos . . . . .	85
Portugal ao longe . . . . .	17	Manhã de «Raid» . . . . .	87
Mar Alto . . . . .	25	Por amor . . . . .	89
Mês de Nossa Senhora . . . . .	27	Balada do berço . . . . .	91
Entre soldados. . . . .	29	À hora do «A Postos» . . . . .	97
Visita de saúde . . . . .	31	Trilogia de Guerra:	
Paí. . . . .	33	I — Março-Abril . . . . .	99
Primeiro morto . . . . .	35	II — Diálogo entre a alma e o corpo . . . . .	105
Entre ruínas . . . . .	37	III — Transfiguração . . . . .	107
Contraste . . . . .	39	Nossa Senhora da «Trinç'a» . . . . .	111
Convalescente . . . . .	41	Deixa-os dormir... .	117
Novembro . . . . .	43	E fala o meu cora- ção... . . . .	119
Balada da mãe distante . . . . .	45	S. O. S. . . . .	125
Canção do orgulho . . . . .	51	Manchas de sangue . . . . .	127
O drama dum minuto . . . . .	55	Fala a Mãe desconheci- da do Herói desco- nhcido . . . . .	129
Angústia . . . . .	57	Depois... . . . .	133
Sob a neve . . . . .	59		
Portugal, creio em ti! . . . . .	63		
Alferes . . . . .	65		
Carta dum soldado . . . . .	67		

